

O ESPAÇO DA CRIATIVIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LAISE KATIANE ALENCAR LIMA¹

INTRODUÇÃO

A criatividade na contemporaneidade é um dos grandes pilares da nova sociedade, principalmente, pela imersão e ascensão das tecnologias de informação e comunicação. Se por um lado, essas novas ferramentas possibilitam o imediatismo de muitas tarefas no contexto social, em especial ao escolar, por outro lado, as exigências das transformações no âmbito educacional, desperta o papel de incentivar a criatividade nos alunos. Criatividade essa que não pode ser confundida apenas quando um professor pede para um aluno expressar-se na aula de arte. A percepção de criatividade tratada neste estudo, calca-se na aprendizagem criativa fortemente citada por Resnick (2020), pensamento que desponta para a ressignificação do ensino, em divergência a transmissão, isto é, onde os professores organizavam as cadeiras enfileiradas, ficavam de frente para os alunos, ditando informações, tornando assim, tal processo como um depósito de conceitos, sem propor espaços para o debate ou para a troca de ideias entre os pares. As discussões eram esporádicas, e o foco consistia em uma abordagem transmissora e unilateral do conhecimento.

Nesse tocante, o presente estudo analisa a forma como a criatividade é tratada nos anos finais do ensino fundamental, etapa essa basilar, por referir-se ao processo de transição para o Ensino Médio, última etapa da Educação básica, onde os alunos delinearão suas perspectivas profissionais, por exemplo. Além, de fortalecimento da formação integral desses. Sendo assim, é de inegável o papel que esse aspecto proporciona para a o processo de ensino-aprendizagem. Destacando, contudo, que a ideia de criatividade salientada, não limita-se à ludicidade ou à expressão, ela perpassa-as, de modo a notar que o pluralismo de ideias que constituem à nossa sociedade são vastos.

Para tanto, o objetivo geral da pesquisa assenta-se em: Discutir o espaço que a criatividade possui nos anos finais do ensino fundamental. Tendo assim, como objetivos específicos: Elencar os equívocos acerca da criatividade na etapa de ensino supracitada e relacionar a criatividade com a formação integral dos alunos.

¹Mestranda em Ensino pela Universidade Vale do Taquari. – UNIVATES / Email: laise.k.alencar.lima@gmail.com

Partindo de tais premissas, é interessante ressaltar algumas restrições atribuídas à criatividade no ensino, precipuamente, nos anos finais do ensino fundamental, tendo em vista, a padronização existente nos sistemas educacionais, onde foca-se na materialização escrita, em detrimento ao pensamento crítico, isto é, é mais relevante transcrever com riquezas de detalhes o que a professora verbalizou na aula, nas provas, ao invés de oralizar ou pensar de outro modo uma teoria levantada, a título de exemplo. Ainda nessa vertente, o jardim de infância é colocado como espaço para deixar a criatividade transbordar-se, as etapas seguintes da Educação básica pautam-se em outros objetivos e habilidades, deixando secundarizar a criatividade. Entretanto, a criatividade nem de longe pode dissipar-se no jardim de Infância, já que é por ela que a aprendizagem torna-se significativa e com função social efetiva. Logo, não é assertivo negligenciar a busca pelo pensamento criativo no decorrer da vida, com ênfase no escolar, como corrobora (TORRANCE, 1999). Deixar de lado a exploração da criatividade dos alunos é cabal para que prejuízos marcantes aconteçam, dentre eles, o de autonomia dos alunos, ao passo que a criatividade proporciona nos indivíduos a solidez de inventar e trilhar caminhos novos e adequados à diferentes situações.

Outro ponto que pode tensionar o cultivo a criatividade é a exposição de telas que os alunos possuem, tantos nos âmbitos familiares e até escolares, através do uso de aparelhos celulares, esse último bastante polemizado por muitos docentes. Não obstante, as tecnologias utilizadas com eloquência por esses alunos, se direcionadas às atividades que abranjam criatividade e reflexão do pensamento criativo, devem ser vistas pelos pais e professores como aliadas e não vilãs, posto que, mais importante do que a verificação da quantidade de tecnologia utilizada, faz-se necessário investigar como elas podem auxiliar a expansão de novas expressões que gerem conhecimento (RESNICK, 2020).

É dessa forma que a metáfora do jardim de infância para a vida, a qual intitula o livro de Resnick (2020) é entusiasta e provoca discussão indubitável para as práticas errôneas que ainda permeiam o ensino, ou seja, aquelas voltadas apenas para a reprodução de uma ideia ou de um conceito. A metáfora citada remete a concepção de que a aprendizagem criativa não pode esvair-se no jardim de infância, mas necessita percorrer toda a trajetória de vida dos indivíduos. É pondo a “mão na massa”, explorando, criando recriando que eles podem construir uma sociedade melhor, regida de alterações pontuais para as demandas sociais.

Por isso, o espaço oferecido a criatividade é primordial, por entender que ela é um aspecto intrinsecamente humano, embora sua expressão e realização são configuradas pelo meio cultural em que um indivíduo vivencia. É por ela que os indivíduos são capazes de encontrar soluções para variados problemas. É nesse ideário que mais uma vez assevera que a

criatividade não é restrita à ludicidade, mas amplia-se a um conjunto de percepções de construção e imaginação que constituem um indivíduo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa caracteriza-se do tipo bibliográfica, de abordagem qualitativa. Nessa perspectiva, Gil (2002, p. 45) discorre que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

A coleta de dados foi feita através da leitura de livros, artigos, periódicos e materiais já elaborados, com o intuito de investigar distintas nuances de autores acerca da temática em estudo. Quanto à abordagem qualitativa utilizou-a, tendo em vista que ela ampara-se na interpretações de significados, tentando descrevê-los e compreendê-los, sem quantificá-los. Oportunizando a pesquisa a desbravar por um universo amplo e profundo de significados (MINAYO, 2014).

REFERENCIAL TEÓRICO

Os anos finais do ensino fundamental trata-se de uma etapa decisiva para os passos que a educação pretende galgar, em cima disso, o ensino nessa fase aparece em grande maioria dos contextos escolares, valorizando os conteúdos, o alcance de notas altas e a reprodução de conceitos que permitam que estes utilizem nas provas que irão enfrentar mais adiante, como é o caso dos vestibulares. Entretanto, a ênfase na criatividade é necessária, e sem isolá-la a um componente curricular, como por exemplo, a Arte e seus desdobramentos. A concepção atribuída a criatividade é bem mais holística do que se pode descrever.

Em decorrência disso, elenca-se alguns equívocos que ora e outra atravessam o significado de criatividade:

Equívoco nº 1: a criatividade está restrita à expressão artística.

Equívoco nº 2: apenas uma pequena parte da população é criativa

Equívoco nº 3: a criatividade é uma ideia que surge como um raio

Equívoco nº 4: a criatividade é algo que não se pode ensinar (RESNICK, 2020, p. 17 a 19).

Relacionado esses equívocos às práticas escolares, o primeiro diz respeito a visão errônea e deturpada de que a criatividade é resultado de uma expressão artística. Ou seja, só são criativos os alunos que se expressão pelas diferentes linguagens da arte: música, dança, artes visuais, teatro, dentre outros engendramentos. Não obstante a ideia de criatividade atravessa esses pontos, à proporção de que pensar algo de forma inédita ou encontrar a resolução de um problema, já está exercendo a

criatividade. E isso pode ser de grande valia nas salas de aulas dos anos finais, nos diferentes componentes curriculares e não estritamente no componente de Arte.

Já, o equívoco de nº 2, associa-se a percepção deturpada de que somente as ideias novas e totalmente inovadas é que são consideradas criativas, de outro modo, faz pensar que por exemplo, apenas os ganhadores do Prêmio Nobel, os quais fizeram descobertas exitosas para variadas áreas são criativos. No entanto, uma pessoa que consegue utilizar a caneta de uma forma diferente também pode ser criativa. Desse modo, a criatividade não necessita ser aferida em números, mas em práticas significativas, valorizando e explorando o potencial criativo nas diferentes tarefas escolares.

O terceiro equívoco apresenta-se como um dos mais incidentes, principalmente, no cenário escolar, quando se acredita que a criatividade acontece de forma rápida, e por isso, deve ser imediatamente realizada. Todavia, ela precisa ser direcionada, objetivada, e decorrida a longo prazo. Com isso, o aprimoramento de construção de uma ideia por parte dos alunos, quando o professor compreende as etapas do processo, resulta em desenvolvimentos relevantes da criatividade na conjectura educacional.

O quarto equívoco infere-se como um dos mais urgentes de ser desmistificado, isto é, em pensar que não se pode ensinar a criatividade. É válida e necessária o espaço que é oferecido para as crianças para descobrir o mundo, a liberdade para expressão, desalinhada à modelos estáticos, padronizados e rígidos. Porém, ela pode ser ensinada, à medida que o ensinar seja para possibilitar meios, incentivos que desenvolvam e apreciem a expressão criativa. Estimulando assim, aberturas e ambientes propícios para que a nutrição do processo criativo se expanda.

A escola aparece como um desses espaços viabilizadores para a desconstrução desses equívocos que ora e outra aparecem e prejudicam a explanação da criatividade enquanto fator de ascensão à aprendizagem com significância.

Sobre a metáfora estabelecida, isto é, da ideia de liberdade, imaginação, exploração ligadas ao jardim de infância ressoar nos mais distintos ambientes e etapas escolares, é imprescindível a fala de Resnick (2020, p. 10) “acredito que o restante da escola (na realidade, o restante da vida) deva se tornar mais parecido com o jardim de infância”.

Em outras palavras, o autor ratifica a relevância de incorporar situações características do jardim de infância a à outras etapas da vida escolar e social, como o incentivo a exploração da curiosidade, para chegar-se a uma aprendizagem criativa, em prejuízo a qualquer ideia limitada de expressão à criança, mas conferindo tais aspectos para a vida toda.

Em convergência com tais assertivas, (Libório), 2009, p. 25 realça que:

A forma de trabalhar com os estudantes, a formulação e seleção dos objetivos de aprendizagem: a escolha e o preparo dos conteúdos a serem dados, assim como habilidades e competências a serem desenvolvidas; as estratégias e os caminhos para ensinar; a organização do trabalho do educador; a natureza das tarefas e a orientação para sua realização em sala de aula e fora dela; as referências bibliográficas e o material didático a ser oferecido; o sistema de avaliação e autoavaliação da



aprendizagem; e por fim as relações, as relações professor aluno e o clima comunicativo emocional presentes em classe e na escola como um todo.

Os aspectos que foram apontados por Libório (2009), são cruciais para que a realização da criatividade ocorra na sala de aula, possibilitando que ocorra interação significativa com os conceitos que são mobilizados, a fim de torná-los efetivos para a vida dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criatividade é um dos caminhos exitosos que a Educação pode trilhar nas diferentes etapas da educação, cabendo-lhes ultrapassar os muros da escola e chegar à vida dos alunos, fora do contexto escolar, pois é de uma sociedade preparada para os diferentes cenários que necessita construir, mas, principalmente, desconstruir visões erradas e deturpadas sobre diferentes temáticas, como por exemplo, do que é criatividade, inibindo fatores essenciais que norteiam esse aspecto.

De acordo com Wechsler (1999) IN Oliveira (2006) a criatividade proporciona uma relação favorável entre o social, afetivo e o cognitivo, salientando desse modo, a associação entre criatividade e saúde mental, portanto, à proporção que se permite meios aspiradores incentiva-se a expressão criativa, de modo a incitar uma gama de habilidades ligadas à criatividade.

Por conseguinte, apesar das inúmeras medidas e parâmetros tecidos em sala de aula para associar a ideia de criatividade, os estudos quanto a avaliação da criatividade, ainda estão em processo de construção, principalmente, por referir-se a um aspecto que existe multifaces, logo, ainda alinha-se a lacunas, como afirma (WECHSLER , 1999).

Por isso, é substancial ampliar nossos olhares e compreensões para a forma como a criatividade está sendo desenvolvida nesta etapa da educação básica, essencialmente, por alinhar-se a fase em que a curiosidade do jardim de infância, já não é tão atribuída por uma somatória de fatores que distanciam o fomento da criatividade, por defender que a liberdade criativa, pode causar desordem no âmbito escolar, assim como outros pontos, que ainda tentar diminuir o que é criatividade e onde ela pode atuar.

No entanto, o papel do estudo, foi mostrar que a criatividade é intrínseca à vida humana, e a escola aparece como aliada para que esta seja ampliada e transforme a sociedade harmonicamente, por meio dos resultados exitosos que a criatividade desperta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, portanto, que a pressão dada na escola no que tange aos conhecimentos acadêmicos, essencialmente, na etapa a qual pesquisa sustentou-se, provoca esse abismo entre criatividade e Educação básica anos finais, pois o foco é a transmissão de conhecimentos. Embora, entenda-se que a criatividade possibilita a assimilação não somente de aquisição de teorias, mas aplicação de atitudes e interações decisivas para o transcurso da vida como um todo, com ênfase na formação integral.

No tocante, a criatividade, um dos aspectos que ela preconiza é justamente a formação integral dos alunos, pois ela não desalinha-se do direcionamento, mas avulta-se em estratégias favoráveis para a liberdade de criar que os alunos possuem, mas que nem sempre são respeitadas na transposição das aulas.

Palavras-chave: Resumo expandido; Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÓRIO, A. C. O. **As interações professor-aluno e o clima para criatividade em sala de aula: possíveis relações**, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14^a ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

RESNICK, Michel. **JARDIM DE INFANCIA PARA A VIDA TODA: por uma aprendizagem criativa, mão a massa e relevante para todos**. São Paulo: Penso, 2020.

TORRANCE, E. Paul. **Criatividade: Medidas, testes e avaliações**. São Paulo: IBRASA, 1976.

Wechsler, S. M. (1999). **Guia de procedimentos éticos para a Avaliação Psicológica**. Em S. M. Wechsler, & R. S. L. Guzzo (Orgs.). **Avaliação Psicológica: perspectiva internacional** (pp.133-141). São Paulo: Casa do Psicólogo.